

de «desmitização», pela sua denúncia de dualismos e antropomorfismos arbitrários, infantis e supersticiosos, obriga a precaver-nos, de modo crítico, contra todas as ilusões que, na relação do homem com Deus, permanentemente se instalam. Talvez ganhem assim pleno sentido as palavras célebres com que Renan fechou o seu discurso de inauguração da estátua de Spinoza na Haia, dois séculos após a sua morte: «Foi talvez aqui que Deus foi visto de mais perto»⁵⁰. Mas com a condição de termos percebido que o primado não está propriamente no ver, mas no ouvir: ser homem fundamenta-se no ser chamado por Deus e corresponder à sua interpelação. Santo Agostinho e Pascal já o tinham entendido: não procuraríamos a Deus, se, desde sempre, não estivéssemos na situação de encontro. Só no reconhecimento da existência dialógica e no conseqüente pensar dialógico se dá a possibilidade de superação do modelo coisista e manipulador, que nos fez desembocar no nosso actual vazio de sentido.

ANSELMO BORGES

A devoção à Paixão de Cristo na religiosidade popular

Apresentam-se alguns elementos para reflexão e compreensão da religiosidade popular e do cristianismo popular, porque é o contexto envolvente no qual se insere a devoção à Paixão de Cristo.

1. Religiosidade popular

Esta expressão suscita imediatamente várias questões: que é religiosidade? Que é Povo e popular? Qual é a religiosidade popular?

Religiosidade equivale normalmente a uma disposição para os sentimentos religiosos. Religiosidade, é pois, o concreto, a expressão vital das pessoas e da sua dependência da natureza, das opressões vividas no dia a dia e da luta quotidiana pelo pão.

As calamidades naturais, as doenças incuráveis, o envelhecimento e a morte com os seus sofrimentos e frustrações intensificam desejos e aspirações, motivam práticas cultuais para exorcizar as forças da natureza, reconciliar o homem com o mal e consolá-lo nos seus sofrimentos. A constante incerteza e insegurança que lhe percorrem a vida, levam-no fatalmente à procura de uma segurança ou duma protecção absoluta que se encontram na ideia de Deus, formalizada e concretizada de muitos modos. Quanto maior for a insegurança e a falta de protecção do homem, maior é o seu sentimento religioso, a religiosidade. Quem, há 20 anos, enchia as nossas Igrejas, senão os pobres? Os inseguros socialmente? E quem não notou, logo após o 25 de Abril, que certa classe média, até então influente, deu sinais de mais «religiosidade»? A religiosidade funciona, em parte, como resposta às

⁵⁰ Cit. por JOSEPH MOREAU, *Espinosa e o Espinosismo*, Lisboa, 1982, 10.

carências dos que vêm fugir-lhes o ascendente de que antes gozavam.

Popular: Quem é afinal o sujeito desta religiosidade e das análises hoje feitas? O povo parece que é a raiz do popular. Mas que povo? No encontro havido há anos em Fátima sobre este problema, perguntou-se: *qual é a noção de povo mais adequada à acção pastoral?* Eis algumas respostas: «é um conjunto de pessoas, um tanto ou quanto organizado, mas ao qual falta o sentido crítico»; «é uma noção cultural com elementos comuns, da qual não se pretende excluir ninguém e ao qual se deve dirigir a mensagem»; «é o sujeito colectivo diversificado a vários níveis e que tem os mesmos objectivos. A acção pastoral reconhece que apesar das diversidades pessoais e dos vários estatutos todos são chamados povo de Deus»; «é um grupo que está em situação de luta pois há anti-grupos». Povo é uma história em processo de evolução. É um conjunto que adquiriu uma consciência comunitária, tem uma terra, caminha juntamente e prossegue o mesmo destino. Povo faz história e esta faz o povo.

Qual a noção que origina popular? Popular é o que é relativo ao povo, que pertence ao povo, que é para o povo, que é agradável ao povo, que nasce do povo. Popular é o que o povo cria, recebe, assimila e faz.

Religiosidade popular, acontece, pois, quando nasce, se configura e exprime o sentir religioso do povo. Ela revela, como fenómeno cultural e antropológico, a particularidade de cada cultura ao buscar a cerimónia, o rito, o objecto e o ambiente.

Na opinião de L. Maldonado a religiosidade popular apresenta as seguintes características: é mágica, oposta, portanto a uma vivência racionalista e intelectualista, com grande capacidade de admiração; é simbólica, inclinando-se para os gestos e ritos cósmicos e naturais; é imaginativa, apegada a imagens e sentimentos; é mística relacionada com a experiência profunda da pessoa e com o tempo; é festiva, sobretudo naquilo que a festa tem de mais gratuito... e vital; é burlesca enquanto aberta e sobretudo ajuda a libertar o quotidiano; é teatral, amando a visualização; é comunitária porque se enraíza no grupo, na inter-relação, no encontro e na comunhão; é política, pois é acusada

por uns de ser alienante, e portanto algo a destruir, enquanto que para outros é um elemento fundamental para a afirmação do povo¹. São possíveis chaves de compreensão para penetrar na complexidade da religiosidade popular. Mas, como não são as únicas, faz-se ainda referência a outras características. Partindo do âmbito psicológico, acentua-se na religiosidade popular, a compartimentação.

E assim, no primeiro compartimento subsistem os sentimentos, crenças, atitudes e valores profundamente vividos pela pessoa e cultura. São realidades impregnadas de grande carga emotiva. São realidades que não atingem muitas vezes a expressão coerente. Elas foram recebidas de outrem *sem o correspondente processo de personalização*.

No segundo compartimento aparece o resultado duma certa aprendizagem, na medida em que as pessoas sofrem a acção da vivência participada, da vida social diferente da familiar. Surgem novos valores e novas formas. Em Portugal com a transição lenta, mas real, duma situação rural para uma situação urbana e industrial pode apreciar-se este conjunto de fenómenos. Estes dois compartimentos imperfeitamente integrados geralmente provocam crise².

A religiosidade popular é, pois, a forma como o povo exprime a sua visão da vida, a relação com o sagrado através dum rito, símbolo ou comportamentos. Será tão religiosidade popular, quanto nasça, se configure e exprima a religião do povo. Tal acontece quando é expressão espontânea do povo num conjunto de costumes religiosos populares.

«É o conjunto de mediações e expressões religiosas, nascidas da índole e do seio do povo, usadas no culto, de acordo com os modos típicos e tradicionais de cada grupo e transmitidas de geração em geração, como o culto dos mortos, as romarias, as peregrinações, as devoções...» (Martín Velasco).

2 Catolicismo popular

«Por religião do povo, religiosidade popular entende-se o conjunto *das profundas crenças* seladas por Deus, *das atitudes básicas*, que de tais convicções derivam, e *as expressões* que as

¹ L. MALDONADO, *Religiosidad popular*, Madrid, Ed. Cristianidad, 1975.

² EDÉNIO VALLE, *Religiosidad popular*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1975.

manifestam. Trata-se da forma ou da existência cultural que a religião toma num povo concreto. No povo da América Latina é a expressão da fé católica. É o *catolicismo popular*³.

O fenómeno pode ser abordado desde a sociologia, estatística, cultura, antropologia ou pastoral. O vocabulário entranha já uma carga de ambiguidade. Fala-se de religiosidade popular, de religião popular, de devoção popular, de espiritualidade popular, de fé popular, de tradição popular, de religiosidade tradicional e de catolicismo popular. Para maior clareza parece ser legítimo distinguir entre religiosidade popular e catolicismo popular ou, se preferimos, religiosidade popular cristã, como fazem os bispos Latino-Americanos no documento citado.

O catolicismo popular é um facto. Pode ser descrito de várias maneiras acentuando um aspecto ou outro:

- É um conjunto de mediações e expressões religiosas que têm os povos onde os *gestos do catolicismo* chegaram a ser canais espontâneos das suas vivências religiosas, como acontece no nosso país.

- É *uma certa forma de pertença religiosa*, inseparável da cultura popular que consiste pelo menos em dar um sinal público da sua ligação com a Igreja, nos momentos importantes da vida pessoal e familiar: o nascimento, baptismo, casamento e morte⁴.

- É *uma religiosidade de votos e promessas*, de peregrinações e de um sem número de devoções, baseada na recepção dos sacramentos, especialmente do baptismo, primeira comunhão, recepção que tem mais repercussão social do que uma verdadeira influência na vida cristã⁵.

- É *uma tradição cristã profunda* que impregna a existência das pessoas, o contexto social e a mesma história dos povos. «E Portugal globalmente, pela maioria da sua população, nas suas escolhas históricas fundamentais, optou por Cristo, Cristo Redentor dos Homens, como parecem atestar as quinas da bandeira pátria e a Cruz nas suas caravelas da epopeia dos descobrimen-

³ *Documentos de Medellín*, Secret., CELAM, 1968.

⁴ R. PANNET, *Le Catholicisme populaire*, Paris, Ed. Centurion, 1974, 32.

⁵ *Documentos de Medellín*.

tos». «Aqui rendo preito também à Igreja viva e dinâmica identificada com a maioria da população portuguesa, que, ao longo dos séculos, com fidelidade ao Redentor do homem... soube manter a sua opção por Cristo...»⁶.

- É *uma encarnação diversa daquela que é oficial* dentro do universo simbólico e de uma linguagem e gramática diferentes, exactamente populares. Por isso não deve necessariamente ser encarado como desvio em relação ao catolicismo oficial. Constitui um diferente sistema de tradução de cristianismo dentro das condições concretas da vida humana⁷.

Todas estas noções confessam o facto. Insistem, contudo, em aspectos diferentes, nos gestos, na relação de pertença, nos votos, na tradição profunda, na encarnação diversa.

Mas mais do que apreciá-lo abstratamente é preciso perguntar-nos: Como se vive, como se sente e como se manifesta o catolicismo popular entre nós?

3. Manifestações e valores do catolicismo popular

«O Catolicismo popular apresenta um mundo de sentimentos, vivências, ritos, factos, expressões práticas, crenças e imaginações, que se move, ri, agita, chora, canta e reza, ao qual nos devemos abeirar com respeito»⁸. É deste mundo que nascem as atitudes, as expressões, as manifestações e as festas que vamos enumerar sem formular juízo algum, antes com um respeito verdadeiro. Esta enumeração, de per se, constitui já uma interpelação para a acção pastoral da Igreja em Portugal, na medida em que deseje estar ao serviço do povo, das pessoas tais como são aqui e agora.

- *Celebrações de padroeiros*: é a celebração sagrada. Não pode faltar. Sempre se realizou, dizem. Mete gestos, ritos, cultos especiais. É o grande ou único acontecimento importante do ano na aldeia, no lugar.

- *Peregrinações*: têm as raízes num passado histórico. Já Jesus subiu em peregrinação ao templo. Os santuários mais variados têm o condão de atrair as pessoas, os grupos, para a evocação do padroeiro, do acontecimento religioso ocorrido nesse lugar.

⁶ JOÃO PAULO II, *Discursos em Portugal*, Lisboa, Ed. Conf. Ep. Port., 1982, 10.

⁷ L. BOFF, in *R.E.B.*, fasc. 141 (1976) 50.

⁸ A.G. ROSENDO, *La religión del pueblo*, Madrid, Ed. B.A.C., 1976.

● *Os sacramentos:* O cristianismo popular acentua a sacramentalização da vida pessoal e familiar. Os sacramentos relacionam-se muito com os «ciclos da vida». O baptismo consagra o nascimento. A comunhão e a profissão de fé consagram a infância e a adolescência. O matrimónio consagra a família. As exéquias consagram a memória do parente que partiu.

● *Os preceitos:* entre eles está o cumprimento dominical, a confissão e comunhão pascal, os votos. O domingo consagra o ritmo semanal. E as outras, o ritmo anual. Sempre assim fizemos.

● *Promessas e votos:* são práticas a que se obrigam as pessoas para obter ou agradecer um dom, uma graça. Estas práticas, por vezes chegam a ser heróicas, mas para muitos isto é o seu cristianismo.

● *As variadas formas de devoção mariana:* tais manifestações são uma característica do nosso catolicismo. Esta devoção comprova-se nos títulos mais diversos ligados a lugares, situações ou mistérios da vida de Maria.

● *Romarias:* apresentam geralmente um carácter festivo. Na romaria come-se, vende-se, ouve-se o sermão e bem perto baila-se. Muitos actos pouco ou nada têm de cristãos. É festa.

● *Procissões:* sejam elas as da Semana Santa, dos Passos, do «Corpus» ou do Padroeiro, são não só uma manifestação visualizada, mas também uma afirmação triunfalista e de folclore. As imagens abençoando os barcos, os campos ou os animais, podem ser símbolos de fé ou de não-fé.

● *Os costumes tradicionais cristãos:* agrupam-se neste título um conjunto muito amplo de orações e fórmulas, invocações e práticas rituais, que ajudam o povo a viver a sua atitude religiosa, quer a nível individual, quer a nível familiar e colectivo. A destruição pura e simples destes costumes podem conduzir à supressão da oração...

● *Práticas de piedade e devoção populares:* são também típicas do catolicismo popular. Situam-se neste campo, entre outras, as primeiras sextas feiras, a Semana Santa, a devoção à Paixão, e outras, tendo em geral um carácter colectivo e comunitário.

● *As imagens populares:* o catolicismo popular afeiçoa-se a imagens, a medalhas, estampas, objectos de culto, livros de piedade folhetos, irmandades, confrarias... Mas isto pode desvirtuar e desfocar o centro do cristianismo e possibilitar a idolatria ou a superstição.

Este elenco de manifestações do catolicismo popular, sem ser exaustivo, descobre-se o *povo como sujeito activo* de tais práticas, atitudes e comportamentos ou expressões religiosas. E consequentemente parece desejar ser um protagonista da vida da Igreja, Povo de Deus. A devoção à Paixão de Cristo situa-se, pois, nesta perspectiva. O papa, na recente visita a Portugal, afirmou: «numa visão retrospectiva, creio poder afirmar-se que o amor dos fiéis ao Sumo Pontífice só terá sido superado pela sua conhecida devoção a Cristo Redentor, sob os mistérios da Paixão e da Eucaristia...».

Valores do Cristianismo popular. Além de todas estas manifestações exteriores, o cristianismo popular tem uma dimensão interior e profunda na pessoa humana. «Mesmo quando suprimíssemos todas as manifestações exteriores, todos os santuários, as procissões, as imagens a religiosidade popular, sobreviveria no coração e nos sentimentos da gente simples»⁹.

O número 48 da E.N., entre os valores, enumera: sede de Deus, generosidade, sentido dos atributos de Deus, atitudes interiores. O CELAM fala de reserva de virtudes e começo autêntico da religiosidade. O *Sínodo 1974* recordará que se podem encontrar, entre outros, os seguintes valores: fé autêntica que deve ser purificada, uma experiência de Deus, carácter sacramentalista, *uma orientação para Jesus na Paixão*, um amor à Virgem, práticas importantes, certas atitudes morais que podem melhorar, abertura à filiação divina, à dimensão pascal, à participação melhorada na liturgia. Em PUEBLA reconhecem-se também muitos valores: como valores positivos da piedade popular cristã, podem assinalar-se: a presença trinitária que dá na devoção e iconografia; o sentido da providência de Deus Pai; Cristo celebrado no seu mistério da Encarnação, na sua Crucifixão, na Eucaristia... O amor a Maria: Ela é com os seus mistérios algo que constitui a identidade própria destes povos e caracterizam a sua piedade popular¹⁰.

A par destes valores, encontramos também aspectos negativos. Recolhamos as palavras de PUEBLA:

«Notam-se aspectos negativos de origem diversa. De tipo ancestral: superstição, magia, fatalismo, idolatria do poder, feiticismo, ritualismo; por deformação catequética: arcaísmo estático, igno-

⁹ *Ibid.*, 25.

¹⁰ *Documentos de Puebla*, n.º 327, cfr. 321, 721 etc.

rância e não-informação, sincretismo, reducionismo da fé a mero contrato na relação com Deus...»¹¹

4. Da devoção às devoções

Além de compreender o significado de religiosidade e catolicismo popular, é preciso compreender também o que significa devoção e devoções.

4.1 Devoção em singular

É um acto da vontade pelo que nos entregamos fervorosamente ao serviço de Deus, cujo objecto é o culto divino interior e exterior. S. Francisco de Sales define-a como «um acto interior da vontade pelo que a pessoa se reconhece na dependência de Deus e também no dever de conformar as suas acções externas com a fé».

Esta é a *devoção substancial que necessariamente é latrêutica*, porque tem a Deus como objecto e finalidade dos seus actos. Ela não exclui, porém, efeitos acidentais como a alegria e gozo espirituais, ou sentimentos religiosos mais ou menos instintivos. A verdadeira devoção, contudo, «supõe sempre na vontade a caridade, a religião e a piedade, e na inteligência uma fé suficientemente esclarecida e comprometida»¹². Sem isto, a devoção não apresenta consistência e utilidade. A autêntica devoção, em definitivo, sustenta a disposição habitual que existe nas práticas de culto alimentadas pela caridade e fortalecidas pelos dons do Espírito Santo.

Para S. Tomás, o modo de adquirir, conservar e desenvolver a devoção é a meditação, contemplação e oração (Sum. Teol. II^a II Q. 82, ^a 3). Ora só nesta raiz se pode alimentar a devoção à Paixão de Cristo.

4.2 Da devoção às devoções

Devoções em plural são um conjunto de práticas e actos religiosos preceituados ou não caracterizados por um objecto especial: devoção ao Sagrado Coração..., devoção à Paixão. Precisa-

¹¹ *Ibid.*, n.º 328 e 743.

¹² *Devotion*, in *Dictionnaire de Theol. Cath.*, IV, 680.

mente porque o homem se eleva a Deus através das coisas sensíveis, surgem as devoções.

Estas devoções podem ser recomendadas ou simplesmente autorizadas. Dizem-se públicas quando exercidas em nome da Igreja em ofícios litúrgicos, como a Celebração da Paixão de Cristo na Semana Santa especialmente. Se nascem de hábitos populares, são privadas. Fala-se também de devoções necessárias, às quais a Igreja determina o objecto, o sentido e os actos. Outras, são facultativas. Para Bossuet «as devoções corrompem-se quando alguém as utiliza para os seus interesses temporais, em vez de as referir à Sua Salvação». Quando tal acontece, poder-se-á falar de devoção ou devoções supérfluas, deslocadas, senão ridículas, ou até inúteis.

4.3 O facto da devoção à Paixão de Cristo

A imagem predominante de Jesus na devoção popular costuma ser a *de sofredor* e morto... Nosso Senhor dos Passos, Jesus ou o Santo Cristo na coluna da flagelação, o «eis o homem», o crucificado em estilo barroco, o Calvário com Maria e S. João, o Senhor Bom Jesus são imagens veneradas em todo o mundo»¹³.

Recordemos, embora sumariamente, algumas das suas manifestações:

A Semana Santa: é a peça central do catolicismo popular na reprodução fiel de todas as cenas da Paixão, da morte e do enterro que atrai mais gente que a celebração da Páscoa. Em cada Sexta Feira Santa os fiéis não contemplam apenas os sofrimentos de Cristo, mas relembram a longa história da dor humana que se renova incessantemente, sofrimentos reais ou imaginários, pouco importa. Os gestos desse dia, desde a gravata escura ao jejum, do falar baixo ao perdão oferecido ou pedido por Jesus, à flor ou vela oferecidas para a capela do Cristo Crucificado, são efectivamente bem significativos para as pessoas.

Os martírios e os passos: Entoa-se neste tempo música especial, a dos martírios, para melhor seguir os passos, com letra alusiva à Paixão e Cruz de Cristo.

¹³ BERNARDINO LEERS, *Catolicismo popular e mundo rural*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1977, 79.

«Bendita e louvada seja
a paixão do Redentor,
para nós livrar das culpas
morreu por nosso amor»¹⁴

Ou ainda esta:

«Ó Deus da minha alma
Senhor do meu coração,
Trazei-me vós à memória
Os passos da vossa Paixão»¹⁵.

As Vias Sacras: Depois das Cruzadas introduziu-se na Europa esta devoção que tentava reproduzir em imagens as respectivas Estações da vida de Cristo. É um exercício ligado ao sofrimento de Cristo. A Via Sacra é uma substituição da peregrinação à Terra Santa. Por este motivo, na origem acontecia ao exterior, embora hoje em dia, conste em todas as igrejas ou capelas, e até em montes com tradições de peregrinações.

A arte popular cristã, sempre foi pródiga nas representações do sofrimento e da Cruz, ficando muito limitada no que diz respeito à ressurreição. O meio popular prefere uma fé adornada. Esta necessidade de expressões luxuriantes brota da sua concepção de arte como algo oposto à miserabilidade. Daí, hoje muita gente afirmar: «esta igreja é muito fria, não tem... É a imagem de Cristo de todos os feitios e gostos que enche e inspira a arte popular.

Os livros de devoções dos quais se servem os fiéis para as suas devoções particulares. Eles atingiram a época áurea no século XVII. E existem devocionários para a boa recepção dos sacramentos, como para bem celebrar a Semana Santa ou rezar ao Cristo Crucificado.

A leitura da Paixão nos Evangelhos e os sermões: Esta leitura é muito apreciada e compreendida. Atinge profundamente as pessoas. Os sermões são ouvidos com especial interesse ainda hoje, talvez porque se explore o sofrimento e a dor, a Paixão e Morte

¹⁴ F. LOPES GRAÇA, *Canção popular portuguesa*, Ed. Eur. América, 1974, 108.

¹⁵ J. PINTO PINHEIRO, *Alegrias populares*, Porto, Ed. Crisos, 1967, 15-16. Cfr. Nichel Giacometti, *Cancioneiro popular português*, Lisboa, Ed. Círculo de Leitores, 1981, 700 ss.

de Jesus ao máximo, com a intenção de provocar arrependimento nas pessoas.

Os crucifixos e cruces: Das muitas facetas que formam a imagem de Jesus Cristo no catolicismo popular, uma delas apanha os seus sofrimentos e dores realisticamente expressos na imagem de Nosso Senhor dos Passos, do Bom Jesus e nos muitos crucifixos que entre nós não têm nada da espiritualização oriental.

A própria geografia entra nesta manifestação: Além da pessoa, do tempo, da arte, entra também o espaço. Ele é atingido pela Cruz. Podemos recordar as cruces plantadas pelos montes cujo símbolo poderia ser o Bom Jesus do Monte (em Braga). Inicialmente chamado monte Espinho, transformou-se em Monte da Santa Cruz. E, mais tarde, no século XVII, em Monte do Bom Jesus. Nas suas capelas estão representadas cenas da Paixão. Aparece também a fonte das Cinco Chagas, etc. É um santuário da Paixão.

«O catolicismo popular apresenta uma interpretação religiosa do universo da vida que se manifesta em muitos aspectos e, entre eles, pela preferência que o povo sofrido do campo tem para com o sofrimento, encontrando na devoção a Nossa Senhora das Dores, N.ª S.ª da Boa Morte, Nosso Senhor dos Passos, Bom Jesus exposto e venerado todo o ano e na vivência da Semana Santa concentrada na Sexta Feira Santa, o equilíbrio contra a dureza da vida»¹⁶.

5. Algumas raízes explicativas da devoção à Paixão no catolicismo popular

Trata-se neste parágrafo de apresentar alguns elementos de análise, alguns caminhos para melhor compreender a devoção à Paixão no catolicismo popular.

5.1 A raiz de tipo antropológico

A história humana convive com a anti-história, isto é, com o sofrimento, a dor, violência, crime e morte. A Constituição GS n.º 1 descreve esta situação: «As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo sobretudo dos pobres

¹⁶ LEERS, *Catolicismo*, 134.

e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração».

A dor é esta impressão subjectiva que posso testemunhar porque entra no campo da emoção pessoal. A dor é um meio de defesa. É um sinal de alerta que nos adverte dos perigos que corremos. Quando vulgarmente se fala em Paixão, entende-se cruz e cruz significa toda uma constelação de palavras: adversidades, aflições, cuidados, desgostos, infortúnios, penas, mortificação, sacrifícios, suplícios, tormentos, trabalhos, tortura, tribulações, sofrimentos, dor, lenho, cristianismo, ascese... Todos estes vocábulos entram na realidade humana, na antropologia da limitação humana.

«Só se pode falar de dor, porque houve um homem que, incompreensivelmente, foi considerado ao mesmo tempo homem das dores e libertador de toda a lágrima»¹⁷.

A devoção à cruz, à Paixão, situa-se a nível simbólico, isto é, o símbolo do carácter doloroso da reconciliação com Deus (e não tanto o acontecimento histórico da morte de Cristo). Os mestres espirituais, os teólogos e os pregadores realçam esta necessidade da Cruz, da Redenção.

É bem nesta perspectiva que o catolicismo popular assume a Cruz e Paixão. A palavra grega «Stauros», que significa instrumento de suplício sobre o qual morreu Cristo, é o símbolo do sofrimento e da Paixão voluntária de Cristo, e a ruptura com um mundo incompreensível. Assim atinge a realidade humana profunda onde surge uma empatia a nível vital.

Porque se a cruz é aceite como escândalo (Gal. 5,11), também é libertadora do pecado (Rom. 8,3), reconciliadora com Deus (Col. 1,20), restauradora de paz (Ef. 2,14), fonte de vida (Jo. 3,14), proclamação da morte do mundo velho (Rom. 6,6), e título de glória (Jo. 12,26). Cristo sofreu *por compaixão e somos convidados a comungar*. Hoje devemos completar o que falta à Paixão de Cristo (Col. 1,24). A devoção à Paixão tem a sua raiz na antropologia humana e no desejo de sublimação ou no mecanismo de defesa contra a destruição que toda a dor e cruz sempre anuncia. É, afinal, aquilo de Victor Hugo: «Vós os que chorais, vinde a este Deus, pois Ele chora» — escreveu por baixo dum crucifixo. «É, pois, por Cristo que se esclarece o enigma da dor e da morte,

¹⁷ C. DUQUOC, in *Concilium* 9/119 (1979) 77 ss.

o qual, à margem do Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida» (GS 22). A devoção popular é-o precisamente por esta raiz vital e existente em toda a pessoa.

5.2 A raiz histórico-cultural

Na medida em que a religiosidade pagã era o ambiente no qual crescia o povo, pode falar-se de religiosidade popular que gradualmente foi invadida pelo cristianismo até podermos falar de catolicismo popular. Esta evolução parece que também tem a ver com a devoção à Paixão.

Para Beirnaert «o Cristianismo, ao recolher as grandes figuras e os simbolismos do homem naturalmente religioso, acolhe as suas virtualidades, a sua influência sobre a psicologia profunda. A dimensão mística e arquétipa não deixa de ser real e dinâmica pelo facto de estar subordinada à fé e ser por ela assumida. Precisamente graças a esta mediação das grandes figuras e simbolismos, a salvação trazida por Cristo atinge as profundidades da pessoa. Quando Cristo e a Igreja assumem as imagens do sol, da lua, da água, da árvore, da mãe, da cruz, realizam a evangelização das influências afectivas nelas projectadas»¹⁸.

Como tudo isto ajudou a enraizar as devoções e particularmente a devoção à Paixão?

O cultural influencia sempre o cultural que é o que o tornarão popular, como aconteceu na Idade Média. No período românico, na liturgia, surge uma atitude poética e lírica subjectiva. Nela, aparecem os sentimentos pessoais de medo, angústia, e alegria. Os textos são sensíveis. Desenvolve-se a «sequentia» que contrasta com os hinos de antes. Aparece a missa privada, etc. Recitam-se orações muito individuais e intimistas durante a mesma missa. Neste contexto alimentam-se as devoções.

O período gótico desenvolve esta tendência. Os hinos transformam-se em canções. Dentro desta corrente afirma L. Maldonado: «ganha mais importância o Cristo sofredor na Cruz do que o Cristo glorioso... As igrejas constroem-se pensando numa área dedicada à oração pessoal, aos exercícios devocionais... Multiplicam-se os officios «parvos», surgem muitas devoções, etc.»¹⁹

¹⁸ MALDONADO, *Religiosidad*, 325.

¹⁹ *Ibid.*, 338.

No Renascimento inaugura-se uma nova situação cultural cuja característica é a relativização que faz o santo convergir para o humano. Potencia-se de tal modo o natural que tudo parece ficar no humano. É uma perspectiva antropológica. Esta situação produz a «devotio moderna», movimento de espiritualidade que orienta tudo para a caridade. Nela se situam Sto. Inácio e o desaparecimento das «Sequentias». No período barroco rebentam outros sentimentos que influenciam o cultural, dando-lhe a dimensão da corporeidade. Desenvolvem-se as encenações, procissões e as devoções. Com a ilustração, acentua-se o classicismo, mas o romantismo traz novamente o individualismo de carácter egocêntrico. Voltam, pois, a florescer as peregrinações e as devoções, devoção ao Sagrado Coração, à Paixão.

Neste século da ciência e da técnica aponta-se para a sobriedade de formas e, como sempre, o popular é atingido. Mas a nova situação cultural, caracterizada pela crítica à ciência e à técnica e ao racionalismo unidimensional da sociedade industrial ou pós-industrial, conduz-nos novamente ao popular, onde ele persiste com os seus valores. Daí, o tanta gente falar do regresso do «espiritual».

O popular, neste sentido, é uma idiosincrasia, uma realidade cultural, isto é, uma série de expressões conseguidas pelo povo. Popular é também uma religiosidade, um sentimento religioso anterior ao enxerto das religiões históricas, das Igrejas, do cristianismo.

A religiosidade popular não é abstracta nem espiritualista, sobretudo, é sensível e fundamentalmente sensorial. É esta incorporação de todos os sentimentos na liturgia, que abrange o povo.

É nesta evolução contextual que a devoção à Paixão de Cristo se tem ido enraizando com altos e baixos segundo a situação histórica seja mais ou menos favorável, não esquecendo nunca a raiz profundamente antropológica e, portanto, «persistente».

5.3 A raiz da espiritualidade

Percorrendo sumariamente a história da espiritualidade cristã, encontramos outra raiz da devoção à Paixão de Cristo.

Nos primeiros séculos (II-IX) aparecem muitos mestres e, entre eles, o influente Orígenes que, entre os meios para alcançar

a perfeição, enumera: «o estudo da humanidade de Cristo, principalmente da sua Paixão»²⁰.

Ao longo da história aparecem homens insígnies que vão pesar na vivência popular e devocional.

● *S. Bernardo de Claraval* (1090-1153): na sua espiritualidade, que os monges proclamaram e ensinaram, tem papel importante «a devoção à humanidade de Cristo». «Entre os mistérios da vida de Cristo, há três de especial transcendência: a devoção à Anunciação, ao Nascimento e à Morte redentora na Cruz».

● *S. Francisco de Assis* (1181-1226): «amor apaixonado a Jesus Cristo-Homem, principalmente nos seus mistérios de Belém e do Calvário». Tem «uma devoção ardente ao Crucificado de que é boa prova o prodígio dos estigmas que o convertem no crucifixo vivo». E dele surgem os frades Franciscanos.

● *S. Boaventura* (1221-1274): no livro da «mística videira» descreve «a devoção terna à Paixão do Salvador».

● *Tomás de Kempis* (1379-1471): aceite como autor da «Imitação de Cristo», do qual se diz «que era muito amante da Paixão do Senhor e admirável consolador dos tentados e dos atribulados».

● *Frei Luis de Granada* (1504-1588): No seu livro «Oração e Meditação» dedica toda a primeira parte a meditações da manhã sobre a Paixão.

● *Francisco de Osuna* (franciscano 1492-1540): escreveu os famosos «Abecedários Espirituais», dedicando o primeiro à Paixão.

● *Sto. Inácio de Loyola* (1491-1556): nos célebres «Exercícios» dedica toda a terceira semana às meditações sobre a Paixão. Não esquecendo Alonso Rodríguez.

● *Alonso Orozco* (1500-1591): grande pregador da Ordem de S. Agostinho, publicou «Devotíssimas meditações sobre a Paixão do Senhor».

● *Ven. Frei Tomé de Jesus* (1533-1582): na sua obra «Os trabalhos de Jesus» escreve: «toda a vida de Jesus foi cruz e martírio». Faz-nos contemplar Cristo como o homem das dores por causa de nós. Faz-nos desejar sofrer com Cristo e por Cristo.

● *S. Roberto Belarmino* (1542-1621): que escreveu «sobre as sete palavras de Cristo na Cruz».

²⁰ A. ROYO MARIN, *Los grandes maestros de la vida espiritual*, (=B.A.C.) 1973, citada para todo este capítulo.

● *Luis de la Palma* (1560-1641): é o autor da devotíssima «História da Sagrada Paixão». Livro construído sobre as diversas cenas da Paixão do Senhor que desperta o discurso e move os afectos da vontade para o exercício das virtudes perfeitas. É uma jóia da espiritualidade espanhola, diz Royo Marin.

● *Beato Claudio de la Colombière* (1641-1680): com o seu livro «Meditações sobre a Paixão de Jesus».

● *Juan Nicolás Grou* (1731-1803): que tentou explicitar «as características da verdadeira devoção» e publicou «A ciência do Crucifixo».

● *Escola Francesa do séc. XVII*, exerceu profunda influência em toda a espiritualidade posterior, «e no espírito de religião, culto supremo de adoração e reverência devida a Deus, a Jesus Cristo, Nosso Senhor, a todos os seus estados e mistérios, a sua vida, acções e sofrimentos».

● *Carlos de Condren* (1588-1641): apresentou «Considerações sobre os mistérios de Jesus Cristo», uma espiritualidade eminentemente cristocêntrica.

● *S. Luis Grignon de Montfort* (1674-1716): com a sua «Carta aos amigos da cruz» na que fundamenta a piedade e unção da vida cristã.

● *S. Paulo da Cruz* (1694-1775): Apresenta uma doutrina mística centrada na necessidade da configuração plena com Cristo e este crucificado. Apresenta uma faceta nova no seu cristocentrismo: «A consideração da dor de Jesus sob todos os aspectos humano e divino, interior e exterior. Prega o amor à Cruz». A Congregação, que ele inicia em 1737, tem suma importância.

● *Sto. Afonso Maria de Ligório* (1696-1787): escreveu também uma obra sobre este tema «Meditações sobre a Paixão». A preocupação de Afonso com a Paixão de Jesus não é uma mórbida atracção ou preocupação com situações de sofrimento e morte que caracteriza certas formas da devoção e piedade à Paixão de Cristo. A sua devoção à Paixão visava uma viva concretização do significado existencial da cruz. E funda também uma congregação.

● *Dom Columba Marmion* (1858-1913). Manifesta o seu cristocentrismo sobretudo no seu grande amor à Eucaristia e na devoção terna à Paixão de Cristo. Escreveu «Jesus Cristo vida da Alma».

● *Santa Gema Galgani* (1878-1903): foi favorecida com as chagas de Cristo Crucificado, associada aos padecimentos do Redentor.

● *Ir. Isabel da Trindade* (1880-1906): que procurou apresentar como norma da sua vida esta ideia fundamental: «a configuração com Cristo e Cristo Crucificado».

Embora saibamos que o núcleo da espiritualidade seja a incorporação a Cristo através da graça santificante, os sacramentos e a prática das virtudes, sabemos que a aplicação destes elementos às diferentes épocas, lugares e culturas, constitui precisamente a história da espiritualidade cristã. E esta história alimenta o povo na devoção à Paixão quer pelas diversas publicações, pregações, quer pelos exemplos de vidas santas, constituindo, portanto, mais outra das raízes desta devoção entre nós.

5.4 A raiz teológica

As principais interpretações da morte de Cristo na tradição teológica convergem para a explicação de que Cristo nos libertou do pecado e estamos salvos pela sua Paixão e Cruz. Esta acção de Cristo é apreendida através de três imagens ou modelos.

● *O modelo do sacrificio expiatório*, morto pelos do seu povo. O pecado concebe-se como transgressão que reclama castigo e pede sacrificio expiatório.

Ora Cristo aparece como quem substitui o homem e recebe o castigo. Este modelo é apoiado na experiência ritual dos sacrificios dos templos.

Neste modelo, portanto, «Jesus aceitou livremente ser crucificado para representar todos os homens junto de Deus e assim conquistar o total perdão divino. Jesus suportou como expiação o castigo pelo pecado do mundo»²¹.

Este modelo pode levar muitos a formar uma falsa imagem de Deus: como cruel e castigador, e criar nas pessoas sentimentos de medo e temor.

● *O modelo de satisfação-substituição*: fomos curados graças aos seus padecimentos. Pensa-se no pecado como ofensa a Deus que exige reparação e satisfação. Cristo substitui e satisfaz a justiça de Deus ofendido. Tem como base a situação histórica feudal. A ofensa atinge o próprio Deus que é Infinito; a satisfação deve, por isso, ser também infinita, e, como o homem não pode reparar,

²¹ Cf. L. BOFF, *Paixão de Cristo Paixão do mundo*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1968.

é necessário que Deus se faça homem para reparar infinitamente. Deus aparece neste modelo como Juiz e até mau, um senhor feudal.

● *O modelo da redenção e resgate*, esmagados pelos nossos pecados.

Enraiza-se no pecado percebido como escravidão e ruptura que afecta as relações do homem com Deus, o que requer redenção e resgate. Cristo aparece como quem paga o resgate, o preço.

Este modelo anda ligado à experiência histórica da escravatura. Pagava-se o resgate. O homem era mero espectador interessado.

Esta raiz alimenta a devoção à Paixão, porque os pregadores e todas as outras pessoas bebem na reflexão teológica de cada época.

Todas estas raízes tornam a devoção à Paixão necessariamente popular, porque entra na cultura do povo e nasce do povo. Mas sê-lo-á tanto mais quanto for mais afectiva que reflexiva, mais vivencial que nocional, mais concreta que abstrata, porque a devoção popular sem rito, sem manifestações, tende a ser não-espacial, não-temporal, não-particular, e, conseqüentemente, não-popular. É por isso que se pode afirmar que a devoção à Paixão, entre nós:

● *É uma devoção-tradição*, enquanto tem o sentido da integração numa pequena ou grande comunidade de crença, na continuação de algo aprendido em família. E, hoje em dia, a própria massificação actual quase obriga as pessoas a buscar a raiz familiar, o tradicional, os ritos, as devoções, as orações para não se sentirem inseguras.

● *É uma devoção-sentimento*, porque acontece numa adesão vital, porque a vivacidade das imagens do Cristo sofredor, crucificado, corresponde à estética e aos sentimentos que geram afectividade. A imagem do Cristo Crucificado é símbolo de aspirações e tensões pessoais e familiares.

● *É uma devoção-esperança*, porque nasce na procura de respostas definitivas a questões importantes da pessoa e sentido da vida e da morte. E no Cristo Crucificado encontra tais respostas à sua medida²².

A dupla função soteriológica e pascal absorveu toda a reflexão teológica sobre a cruz esquecendo a fecundidade teológica da reflexão sobre a cruz. Mas já Teilhard falava do «significado pleno e definitivo da redenção que não é a expiação, mas a supe-

ração e a conquista». O papa actual aprofunda um tanto esta reflexão na Encíclica «*Dives in Misericordia*». «Crer no Filho Crucificado significa «ver o Pai», significa crer que o amor está presente no mundo e que o amor é mais forte do que toda a espécie de mal»⁷. «Cristo, precisamente crucificado é o *Verbo que não passa*, o que está à porta e bate ao coração de cada homem, sem coartar a sua liberdade, *mas procurando fazer irromper* dessa liberdade o amor⁸.

Porque é o Verbo que não passa, porque faz irromper o amor hoje ante a devoção à Paixão, urge perguntar:

— Quais as virtualidades e os desvios da devoção à Paixão na religiosidade popular cristã?

— Esta devoção é convicção ou tradição formalista?

— Que conservar, que alimentar, purificar ou renovar na devoção à Paixão?

— Deve ser conservada tal qual, ou é ponto de partida para uma maior evangelização?

— Qual o matiz que deve tomar? Não terá acentuado apenas o aspecto soteriológico?

A resposta a estas questões poderia ser simples na palavra de Paulo VI: «Imobilismo, não; actualização, sim».

6 Imobilismo, não, Actualização sim.

A Igreja e os crentes não podem ficar imóveis e indiferentes ante as mudanças do mundo que os cerca. Nesta perspectiva, o papa Paulo VI escreveu: «a vida cristã deve não só adaptar-se às formas do pensamento e da moral, que o ambiente terreno lhe oferece e impõe, quando elas forem compatíveis com as exigências essenciais do seu programa religioso e moral, mas deve procurar aproximá-las de si, purificá-las, vivificá-las e santificá-las». (Eccl. Suam, 42).

— Quais os caminhos a seguir para uma purificação e renovação desta devoção à Paixão no contexto do catolicismo popular? Despretensiosamente sugeriria duas pistas possíveis:

● Uma atitude autenticamente missionária;

● Uma opção pastoral lúcida.

A *atitude autenticamente missionária* «começa sempre por um sentimento de profunda estima para com o que há no homem,

²² PANNET, *Catholicisme*.

por aquilo que no íntimo do seu espírito elaborou quanto aos problemas mais profundos e importantes. Trata-se do respeito para com o que nele operou o Espírito, que sopra onde quer («João Paulo II, em R. H., 12).

Esta atitude superará o simples desprezo ou a apologia incondicional dos modos da devoção à Paixão. Só assim se encontrará a atitude de purificação e promoção que, sem dúvida, hoje e sempre necessita. Esta purificação e promoção supõe:

- O Catolicismo popular encontra-se degradado e perdeu elementos evangélicos. Tem aspectos negativos.

- A acção evangelizadora deverá começar por uma crítica evangélica de todos os elementos degenerados.

- Para tal é preciso introduzir-se na história do povo, ajudá-lo a ser povo, e então encontrará formas religiosas, que correspondam à vida do povo.

- «Porque a piedade popular necessita duma constante depuração e clarificação, e supõe não só uma pertença à Igreja como também uma vivência cristã e um compromisso com os irmãos» (Puebla, n.º 768).

A opção pastoral lúcida deve:

- Favorecer a diminuição das manifestações que mantenham uma real alienação das pessoas.

- Manter uma relação certa entre minoria/maioria ou elite e povo dentro da Igreja. A Igreja não pode escapar a esta lei.

- Evangelizar sem cessar a religiosidade popular cristã para a fé cristã adulta.

E neste âmbito da evangelização perguntamos: *como pregar a cruz de Cristo, a sua Paixão, hoje?*

Cristo anunciou a Boa Nova da Vida e do Amor. A cruz foi consequência do anúncio interpelante e duma prática libertadora. Foi crucificado para Deus (fidelidade a Deus) e crucificado pelos homens e para os homens (fidelidade aos homens). Segundo Leonardo Boff, pregar a Cruz de Cristo hoje, significa:

- *Empenhar-se* para que haja um mundo onde seja menos difícil amor, paz, fraternidade, abertura e entrega a Deus..., aceitar a cruz que vem deste embate é carregar a Cruz do Senhor. O sofrimento que se sofre neste empenhamento, a cruz que se tem de carregar nesta caminhada é sofrimento e martírio para Deus e sua causa no mundo.

- *Solidarizar-se* com aqueles que são crucificados neste

mundo... Tal sofrimento e morte por causa dos outros crucificados implica suportar a inversão de valores que o sistema faz, contra o qual alguém se empenha.

- *Entregar-se* ao convite ou a um acto extremo de amor e de confiança e de total descentração de si mesmo. Morrer assim, é viver. É isso que exprime S. João, quando diz que a elevação de Jesus na Cruz é glorificante, que a hora é tanto a hora da Paixão quanto a hora da Glorificação.

- *Anunciar* o seguimento de Jesus. «Não é dolorismo, nem magnificação do negativo. É anúncio da positividade, do engajamento para tornar cada vez mais impossível que os homens continuem crucificando outros homens».

Pregar a Cruz significa: seguir Jesus. E seguir Jesus é perseguir seu caminho, pro-seguir sua causa e con-seguir sua vitória²³.

«A Igreja paga hoje as consequências da sua atitude populista e proteccionista em relação com o povo: paga o preço do povo não ter sido quase nunca sujeito da Igreja e ter tido pouco eco na linguagem da Igreja a história de viver e sofrer do povo, de querer ser mais Igreja para o povo do que Igreja do povo. Por isso mesmo, muitas reformas semeiam confusão. São reformas que se realizam sem sensibilização e passam por cima das cabeças do povo».

ANTÓNIO GOMES DIAS

²³ BOFF, *Paixão*, 158.

²⁴ F.B. METZ, *Iglesia y Pueblo*, Madrid, Ed. Cristiandad, 1975, 17.